

Uma história tocante sobre as descobertas do primeiro amor



BOULEVARD

FLOR M. SALVADOR



Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

FLOR M. SALVADOR

BOULEVARD



Planeta

tradução
Marianna Muzzi



Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Título original: *Boulevard*

Capa, ilustração de capa e lettering: Paula Milanez

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Salvador, Flor M.

São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

352 p.

ISBN 978-85-422-2317-0

Título original: Boulevard

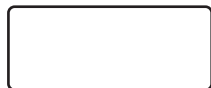
1. Ficção mexicana I. Título II. Muzzi, Marianna

23-4341

CDD M860

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção mexicana



Ao escolher este livro, você está apoiando o manejo responsável das florestas do mundo

2023

Todos os direitos desta edição reservados à EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar

Consolidação – 01415-002 – São Paulo-SP

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editorapiplaneta.com.br

br@planeta.com.br

CAPÍTULO 1



Primero objetivo do último ano: descartado. Chegar cedo era, definitivamente, um estilo de vida, mas não o meu. A sorte nunca esteve ao meu lado; aliás, sempre achei que eu fosse tipo um ímã que atraía azar quase o tempo todo. Mas por acaso os ímãs não têm um polo negativo e outro positivo?

Sei lá.

Afinal de contas, eu não era um ímã, mas um amuleto... de muito azar.

Eu estava exausta e com as pernas doloridas por causa do grande esforço que tinha feito para correr a toda velocidade pelos corredores do colégio, nem aí para se minha testa estava suando, com as gotas escorrendo pelo rosto. Meu cabelo um desastre, e a marca do travesseiro na bochecha, pelo menos desta vez, do lado direito.

Estava chegando mais de vinte minutos atrasada à aula de Literatura, a aula do professor Hoffman, o mesmo do ano anterior, que já conhecia a minha impontualidade.

Eu começava, outra vez, mal. Muito mal.

Respirei fundo quando estava em frente à porta da sala e me preparei para bater e perder a dignidade mais uma vez, desculpando-me com o professor pela minha irresponsabilidade. Em menos de um minuto, ele abriu a porta, e eu pude vê-lo. O professor Hoffman era um homem calvo, gorducho e tinha a pele clara; ele me olhava com a testa franzida através dos seus óculos, com o rosto visivelmente irritado com minha presença.

Ele me odiava, eu podia perceber em todos os poros da sua pele.

Dei um sorriso tímido, tentando esconder debaixo dele a vergonha que começava a me invadir.

— Hasley — falou ele, firme, tentando me intimidar com os seus olhos sobre mim. — Então, me diga, qual é a sua desculpa desta vez?

— Eu estava dormindo — confessei.

Apertei o maxilar e me soquei mentalmente pela estupidez que eu acabava de dizer, mas, infelizmente, já não tinha mais como voltar atrás. Eu não deveria ter dito aquilo, deveria ter mentido ao invés de dizer a verdade. Fala sério, Hasley!

— Tudo bem. — Ele sorriu para mim sem nenhum pinga sequer de graça. — Espero que, na próxima vez, você não fique dormindo.

Por um segundo, pensei que ele me deixaria entrar, mas eu fui muito ingênua. O homem entrou de novo na sala e acenou em despedida.

— Professor... — tentei falar.

Mas entre seus planos não estava o de me escutar, então ele apenas me interrompeu, voltando a falar:

— Até a próxima aula, Derricks. Agradeça que hoje eu não quero ir à sala da diretoria com você.

Como sempre, franzi a testa quando ouvi como ele me chamou.

Ele fechou a porta, e eu fiquei plantada no lugar, sem me mexer nem sequer piscar. Eu estava confusa, lembrando o que tinha acontecido. *Ele não podia fazer isto comigo! Ele não tinha feito! Mas o que eu estou dizendo? Claro que ele fez!*

Ah, por favor!

Revirando os olhos em fúria, bufei e me virei para começar a caminhar pelo corredor e, assim, arrastar comigo a dignidade que ainda me restava.

Era a primeira vez que ele não me deixava entrar na sala. Eu tinha chegado atrasada algumas vezes, umas cinco, seis ou nove vezes. Embora, pensando bem, eu chegasse atrasada com alguma frequência, fazia o meu trabalho e sempre tentava prestar atenção às aulas, apesar de a dele me dar sono.

Literatura me entediava, simples assim. Eu gostava de ler, mas não as histórias que ele costumava nos recomendar.

Eu deveria rever os meus hábitos, deixar de ser adepta de dormir até muito tarde por causa das séries a que costumava assistir e colocar o colégio como prioridade. Quem sabe assim eu fosse capaz de mudar a minha sorte.

Pestanejei e comecei a caminhar em direção à arquibancada. Para dizer a verdade, eu não tinha um lugar específico em mente, apenas deixei que as minhas pernas me guiassem. A grama entrava em contato com a sola do meu tênis e o vento bagunçava o meu cabelo curto, fazendo com que algumas mechas pequenas tampassem o meu rosto.

À determinada distância, onde a sombra incidia de leve sobre uma das partes da arquibancada, bem ali, um corpo estava sentado com as pernas abertas e virado de costas para o campo.

Parei para observá-lo. Era estranho que alguém estivesse ali, naquele lugar, quando todas as turmas estavam em aula. Teria tido ele o mesmo destino que eu? Teria sido expulso da sala?

Curiosa, virei um pouco a cabeça e respirei fundo, mas o gesto dele de tirar algo do bolso da calça para então começar a rasgar me encorajou a caminhar hesitantemente em sua direção. Antes de subir a arquibancada, pensei duas vezes e dei um passo atrás. Olhei os meus tênis sujos e não sabia qual das duas opções da minha mãe eu deveria escolher naquela ocasião.

— O que você está fazendo?

Sua voz me assustou, deixando-me gelada por alguns segundos. Olhei para cima, e o nervosismo me devorou viva. Ele não olhava para mim, continuava virado de costas, e isso me assustou por um instante.

Tinha sido ele?

— Nada — murmurei. — Apenas... estava subindo.

Os movimentos estavam coordenados com as minhas palavras, e eu subia os degraus da arquibancada. No entanto, naquele dia, eu tinha levantado com o pé esquerdo, porque, quando estava quase chegando até ele, eu tropecei e caí.

— Merda!

Supliquei ao Todo-Poderoso que me fizesse desaparecer naquele exato momento.

Apoiei as mãos no corrimão e tentei me levantar, reclamando em voz baixa. Não consegui, meu braço doía. Pude sentir que alguém me observava e sabia de quem se tratava. Com a humilhação pesando sobre os meus ombros, olhei para cima e encontrei o olhar daquele garoto.

Ele estava de pé na minha frente e com a cara fechada.

— Eu... sinto muito.

Foi só o que eu consegui dizer.

Fiquei pensando no que tinha dito. Por que eu estava pedindo desculpas? Eu não estava arrependida de nada. Certo, talvez um pouco; o que quer que ele estivesse fazendo, eu tinha interrompido.

Ele passou a língua pelos lábios, e graças àquilo fui capaz de perceber um pequeno piercing preto que enfeitava o lado direito do seu lábio inferior rosado. Ele revirou os olhos, deu um suspiro, irritado, e, com um único passo, aproximou-se de mim e me ofereceu a mão, encorajando-me para que eu a agarrasse.

Envergonhada, aceitei para me levantar. A altura dele foi a primeira coisa que pude perceber quando me coloquei de pé, pois, mesmo estando um degrau acima de onde ele estava, ainda assim ele me ultrapassava. Ele era muito alto.

— Obrigada — sussurrei, tentando fazer com que o vermelho nas minhas bochechas desaparecesse completamente.

— Uhum... — Foi a única coisa que ele murmurou sem abrir os lábios.

Por um segundo, eu me senti um pouco desastrada, mas, em seguida, compreendi que eu realmente tinha sido.

Eu o encarei sem tentar dissimular. Ele era muito lindo: seus olhos eram de um azul-vivo com olheiras escuras embaixo; seu cabelo loiro balançava por causa de uma brisa suave, fazendo com que a franja cobrisse a sua testa; seus lábios eram de um leve tom rosado que ressaltava a pele clara, quase pálida.

Então eu me dei conta de que estava encarando-o abertamente quando ele começou a tossir.

— Você está bem? — perguntei, descendo um degrau da arquibancada.

Ele fez um sinal com a mão que eu não soube bem como interpretar, não sabia se era uma resposta à minha pergunta ou simplesmente um pedido para eu me afastar. Talvez as duas coisas. Respirei fundo, um pouco incomodada, e peguei minha mochila.

— O que você está fazendo aqui? — ele perguntou assim que recuperou o fôlego.

Ao contrário de antes, desta vez eu tinha conseguido escutar bem a voz dele: suave e um pouco rouca.

Olhei para ele, e a sua cara não tinha expressão alguma, era vazia e neutra; a seriedade dele me dava calafrios. Uma coisa era clara: eu não ia lhe

contar que a curiosidade de saber o que ele tinha tirado do bolso havia me atraído até ali, porque, pensando bem, ia parecer uma *stalker*.

Formulei bem minha resposta para que ele acreditasse em mim:

— Eu só estava querendo matar o tempo — falei, indiferente, e dei de ombros.

Mas é obvio que ele não acreditou em mim, e sua sobrancelha erguida me sinalizava isso.

— Você não deveria estar na aula?

Sua voz tinha um tom debochado.

— Você não deveria estar em aula também? — revidei, segurando com força a alça da minha mochila, enfatizando cada palavra com um tom de superioridade.

O garoto girou a cabeça e sorriu, um sorriso meio abatido, daqueles que escondiam muitas coisas, mas diziam tudo.

— Será que desta vez não te deixaram entrar na aula, Hasley? Ou você está começando o ano com o pé esquerdo?

Hã?

Como ele sabia o meu nome?

Isso me intrigou e rapidamente fechei a cara.

— Como você sabe o meu nome?

— Fazemos uma matéria juntos — respondeu ele, revirando os olhos. — Além disso, a maioria das pessoas aqui conhece você: ser a melhor amiga do grande Zev Nguyen aumenta o seu status.

A última frase ele completou com ironia e uma vaidade um pouco fingida.

Estávamos na mesma turma? Eu nunca tinha visto aquele garoto antes, apesar de, na verdade, eu não conhecer a maioria dos meus colegas. Desde o começo do ano, outros grupos de alunos tinham se juntado à nossa sala, e eu não era uma pessoa que costumava prestar atenção no rosto nem no nome de outras pessoas. Por outro lado, o outro motivo tinha certa coerência: Zev era o meu melhor amigo e o capitão do time de rúgbi, por isso a maioria dos alunos o conhecia. Eu ia aos jogos e aos treinos, mas sempre passava despercebida.

Ou, pelo menos, tentava.

— Que matéria? — perguntei.

— História, com a professora Kearney.

Fiz uma careta e concordei com a cabeça. O garoto desviou o olhar para os pés e ficou assim durante alguns minutos; então, do bolso da calça tirou um papel branco enrolado. Sem se incomodar com a minha presença, o acendeu e o levou aos lábios sem vergonha nenhuma. Assim, eu me esqueci completamente do que estávamos falando.

Eu era tonta, mas nem tanto. Aquilo não era só um cigarro.

— O que é isso? — me atrevi a perguntar, curiosa. — Acho que não é cigarro.

Ele deu uma risadinha cínica e, antes de falar, deu uma tragada:

— É um baseado.

Ele estava se divertindo.

A fumaça saiu dos seus lábios e chegou ao meu rosto.

O cheiro era um pouco forte e diferente do cheiro de nicotina. Eu nunca tinha fumado um baseado antes. Fiz uma cara de nojo e me afastei um pouco.

— Por que você está fazendo isso aqui na escola?

Eu estava preocupada. Se alguém me visse com ele, nós dois seríamos pegos ou, pior, presos. No entanto, eu me acalmei ao perceber que todos estavam em aula e que quase ninguém ia naquela direção. Os campos eram um inferno para muitos.

— Porque eu quero e posso — respondeu de maneira grosseira.

— Isso é nojento — resmunguei, enrugando o nariz.

— Então por que você continua aqui?

Abri a boca para responder, mas eu não tinha ideia do que dizer. Agora eu sentia vergonha.

Eu o escutei respirar e voltei minha atenção para ele.

— O que é isso?

Ele apontou com o dedo indicador para a minha blusa, apertando os olhos.

Meu olhar deslocou-se para a direção em que ele apontava e senti minhas bochechas corarem.

Não pode ser.

— Pasta de dentes.

Ele me olhou com uma pitada de diversão durante alguns segundos para depois cair na gargalhada; seu riso era meio contagiante, eu teria me juntado

a ele se não fosse a responsável por aquilo. Por essa mesma razão, levantei o rosto e cerrei os dentes.

— Você se levanta de olhos fechados, né? — murmurou ele, entre risos.

— Não sou muito boa para acordar! — confessei de forma estridente, chutando a arquibancada de metal com o pé.

— Eu percebi.

Ele fez uma careta de dor e sua expressão ficou séria; jogou o baseado no chão da arquibancada e o apagou com a sola do tênis para depois pegar. Passou a mochila sobre o ombro e, a passos largos, de dois em dois degraus, desceu a arquibancada.

— O que você está fazendo? — perguntei, tentando segui-lo.

Ele virou-se para olhar para mim.

— Estou indo embora. Não é óbvio?

— Por quê?

— As aulas continuam, Weigel.

Ele virou-se e continuou caminhando.

Tinha me chamado pelo meu sobrenome. Como é que ele sabia? *Ele faz uma matéria com você*, gritou o meu subconsciente. Percebi que ele não tinha falado nada sobre si mesmo, nem sequer havia se apresentado, por isso voltei a falar com ele:

— Você não me disse o seu nome! — gritei, colocando as duas mãos ao redor da boca, transformando-as em um megafone.

Ele virou-se e continuou caminhando de costas para mim. Pensei que fosse falar alguma coisa, mas apenas levantou os polegares e virou-se outra vez. Seu jeito de andar era diferente. Caminhava como se nada o preocupasse, deixando seus ombros caírem de forma relaxada, suas pernas entaladas naquelas calças pretas levemente justas.

Eu me sentei em um dos degraus da arquibancada, e o meu olhar se perdeu no campo esverdeado, repetindo mentalmente mais uma vez o quanto eu odiava o professor Hoffman.

Chegou a hora do intervalo. Eu não gostava de comer na cantina; desde pequena, não suportava o cheiro de comida e o cochicho de várias pessoas ao mesmo tempo. Eu só fazia isso por Zev, porque curtia sua companhia e estar com ele durante o intervalo.

Empurrei a porta da cantina com a ponta do tênis e caminhei diretamente até a máquina de sucos, desenterrei algumas moedas para pagar e depois pegar o meu suco de uva pela abertura de baixo. Meu corpo se tensiou quando senti uns braços me segurando pelas costas fazendo pressão, mas relaxei rapidamente ao escutar a risada alta e familiar de Zev, provocando cosquinhas no lóbulo da orelha. Eu me mexi nos seus braços e, quando ele me soltou, me virei de frente para ele com um sorriso largo no rosto.

— Ei! — cumprimentei, mexendo no cabelo dele.

— Não faz isso — resmungou, divertido, com uma cara fofinha.

Eu neguei, zoando, e repeti o gesto.

— É sério, Hasley — ele me repreendeu rindo.

Zev segurou meus punhos e me abraçou de novo, mas com um pouco mais de força.

— Me deixa respirar — pedi, rindo.

Ele parou de me apertar, passando um braço por cima dos meus ombros para, assim, me puxar em direção ao seu corpo, oferecendo-me proteção. Começamos a caminhar até uma das mesas no centro da cantina onde estavam alguns de seus companheiros de equipe, que, assim que nos viram, deram um sorriso.

— Você vai no meu treino hoje? — perguntou Zev.

Algo que eu adorava nele eram os seus olhos cor de avelã; eram de um tom muito lindo. Um grande trunfo, porque, quando ele pedia um favor, não dava para negar.

— Claro que vou — respondi com um aceno de cabeça. Ele abriu um sorriso de orelha a orelha. — Como é que eu ia perder?

— Não indo — brincou Neisan, o vice-capitão.

— Hum... engraçadinho — respondi.

O garoto não disse nada, só me mostrou a língua como qualquer pessoa madura faria. Ah, pelo amor!

— Passo para te pegar então? — Zev retomou a conversa.

Eu sabia que, mesmo que eu negasse, ele iria de qualquer jeito. Isso já era um pequeno costume nosso, mas, ainda assim, ele tinha a decência e a sutileza de me perguntar.

Quando chegamos à mesa, o garoto de cabelo castanho empurrou um de seus amigos e sentou-se em seguida. O garoto de cabelos pretos que ele tinha empurrado o olhou desconfiado enquanto mastigava seu pedaço de pizza.

— O que você acha, Zev?

— Então eu passo para te pegar — confirmou sorridente diante do meu sarcasmo.

— Você vai no treino hoje? — perguntou Daniel, outro garoto do time, que jogava na posição de pilar.

— Quando é que Hasley não foi a um treino seu, Zev? — Dylan, que era o tackleador de apoio, juntou-se à conversa.

— No dia em que a cachorrinha dela morreu — respondeu o meu melhor amigo, olhando-me de canto de olho.

— É verdade, ela chegou no final do treino — ele recordou. — Eu me lembro porque foi o dia que fomos comer pizza e, para você não ficar triste, a gente se meteu nos brinquedos infantis.

— E não esqueça que nos expulsaram do lugar — completou Neisan. Todos na mesa riram.

Eu não saía sempre com eles, mas tínhamos ficado mais próximos durante o último ano. Como eu ia aos treinos, no final, ia junto comer alguma coisa ou senão Zev me levava de volta para casa e os alcançava mais tarde.

Parece triste, né? Meu Deus, que tragédia!

— Quase todos na escola acham que vocês têm um relacionamento — informou Daniel.

Ele comia batatas fritas enquanto seus olhos se dirigiam a mim e a Zev.

— Mas nós sabemos que Hasy baba pelo Matthew — ele disse rapidamente, e eu lhe lancei um olhar implacável.

O colégio tinha várias equipes de diferentes esportes, mas só rúgbi, basquete e vôlei participavam dos campeonatos estaduais. Matthew era o capitão do time de basquete e o garoto de quem eu gostava havia uns dois anos. Zev se irritava sempre com ele; eles trocavam algumas palavras quando

os chamavam para algum evento pelo simples fato de serem os capitães das equipes mais importantes do colégio.

Matthew Jones era um garoto alto, de cabelos ruivos, olhos verdes e pele muito clara. Zev dizia que ele se parecia com o Gasparzinho, o fantasma.

Rapidamente, todos na mesa me olharam com uma sobrancelha arqueada, fazendo com que as minhas bochechas corassem. Isso acontecia com frequência.

Brinquei com meus lábios uma vez mais antes de dizer:

— Vou comprar algo para comer — avisei, querendo evitar a situação.

Fiquei de pé, e Neisan me seguiu imediatamente, acrescentando:

— Eu te acompanho.

Assenti, e nos afastamos do grupo. O garoto me avisou que iria para o outro lado da cantina e desapareceu da minha vista. Olhei a comida que estava na minha frente procurando algo gostoso, mas nada me chamou atenção. Depois de alguns minutos tentando encontrar algo que me agradasse, decidi pedir um pedaço de pizza e refrigerante de gengibre.

— Isso é nojento. — Escutei alguém falando atrás de mim.

Eu me virei, encontrando com o garoto loiro com quem eu tinha conversado na arquibancada.

— O quê? — perguntei, confusa diante da afirmação.

— Isso — respondeu, fazendo um ligeiro movimento com a sua cabeça e indicando o copo.

Como ele podia dizer aquilo? Era a minha bebida preferida, e ele a tinha insultado.

— É refrigerante de gengibre e tem um gosto superbom! — eu me defendi, fechando a cara.

Ele balançou a cabeça sem tirar os olhos do meu copo, negando algumas vezes.

— Tem gosto de remédio.

Ele franziu o nariz.

— O que você está fazendo aqui? — perguntei, fazendo o mesmo gesto e tentando fugir do assunto.

— Vim comprar comida — mencionou ele, com um sorriso brincalhão, apertando os olhos e fazendo com que eu me sentisse uma idiota. — É o que a maioria das pessoas normais faz quando vem na cantina.

Eu quis me defender, mas as portas da cantina se abriram, e o garoto ruivo apareceu. Ao seu lado, estavam alguns amigos dele do time de basquete. Ele era muito lindo. Seu sorriso brilhava enquanto os olhos se apertavam.

— Quer um lencinho? — A voz do garoto loiro fez com que eu saísse da minha órbita e tirasse os olhos de Matthew para olhar para ele. — Você quase inundou o refeitório com a sua baba — observou, irônico.

Senti as minhas bochechas arderem de vergonha e tentei disfarçar.

Ele riu e empurrou delicadamente meu ombro para pedir um suco de laranja. Eu não entendia por que os meus pés não se moviam para sair dali. No entanto, quando eu percebi, sua voz voltava a soar:

— Você gosta do capitão do time de basquete? — perguntou, colocando-se de novo na minha frente. E continuou: — Melhor não responder, é óbvio demais. — Ele riu. — Por que você não tenta se aproximar dele?

— É inútil — falei sem muita vontade de continuar com aquela conversa.

— Ele? Concordo.

— Não, inútil tentar — expliquei.

Bebi um pouco do refrigerante pelo canudinho enquanto olhava para os lados. Alguns olhares prestavam atenção na gente. Por acaso ele estava esperando outra pessoa?

— Você não vai saber se não tentar — disse ele, fechando os olhos ao mesmo tempo que dava um suspiro.

Ele umedeceu os lábios e coçou o queixo.

— A gente acabou de se conhecer e você já está me dando conselhos? — perguntei, com um pouco de deboche, para não soar tão chata e grosseira diante de sua ajuda ou do que indiretamente ele estivesse tentando fazer.

— Entenda como quiser, Weigel — murmurou ele, sem empolgação.

Ele colocou a mão livre no bolso da calça e fez uma cara de desgosto.

Repeti mentalmente o que eu tinha dito e o olhei com cautela.

— Você não me falou o seu nome.

— Se você tem tanto interesse em saber isso... — ele parou de falar, interrompendo a frase e se aproximando de mim para sussurrar no pé do meu ouvido: — Investigue.

Eu ia reclamar da maldade dele por não me dizer seu nome de uma vez por todas. Na verdade, eu tinha uma pitada de curiosidade, mas a voz de Neisan, chamando o meu nome à distância, me impediu de insistir.

— Hasley!

O garoto loiro e eu olhamos para o garoto de cabelo preto, que estava com a cara levemente fechada por causa da cena que observava.

— Tchau, Weigel! Estão te esperando — o desconhecido se despediu.

Antes que eu pudesse lhe responder, ele já estava longe.

— O que você estava fazendo com ele? — perguntou Neisan quando chegou do meu lado.

— Estávamos conversando — respondi neutra, sem dar muita importância ao assunto, mas aparentemente para ele era exatamente o contrário... Ou parecia ser.

— Você conhece ele? — Tentou descobrir, e me virei para olhá-lo com determinação.

Seus olhos estavam cravados nos meus, esperando minha resposta clara e precisa.

— Conheci hoje de manhã — confessei um pouco apática. — Mas, para ser sincera, não sei o nome dele.

A última parte foi dita quando chegamos à mesa, e eu me sentei. Zev levantou os olhos do celular com um sorriso simpático e me olhou enquanto movia os dedos sobre a mesa.

— Você não sabe o nome de quem? — perguntou, olhando para Daniel enquanto bebia o refrigerante do garoto, que reclamou com um grunhido.

— De um garoto que eu conheci hoje de manhã — repeti.

— Ah, é? — Ele levantou uma sobrancelha com um risinho provocador e me olhou com malandragem. — Quem é o galã que vai tirar o lugar do Matthew?

— Acho que você preferiria que continuasse sendo o Jones — admitiu Neisan.

Pelo seu rosto, pude ver o arrependimento, e ele soltou uma lufada de ar.

— Por quê? — Zev franziu a testa diante do comentário do seu amigo e olhou para ele. — Quem é ele?

— Você conhece ele? — intervim interessada, perguntando a Neisan.

O garoto revirou os olhos.

— Howland.

Esse era o nome dele?

Zev me olhou rapidamente com uma expressão dura que deixava óbvia a mandíbula tensionada. Sua cara parecia irritada, como se o que o seu amigo tinha dito fosse muito ruim.

— Desde quando você conversa com ele? — perguntou de maneira rude, com a voz firme e dura.

— Eu já te disse, conheci ele hoje de manhã. — Molhei os lábios me defendendo, voltei a olhar para Neisan e perguntei: — O nome dele é Howland?

— Esse é o sobrenome, ele se chama Luke — desta vez foi Dylan quem respondeu.

— Luke — repeti.

— O nome dele não interessa merda nenhuma! — respondeu o meu melhor amigo. — Hasley, fica longe dele.

— Por quê? — perguntei.

— Só faz isso — ordenou ele.

Levantei uma sobrancelha.

— Você não manda em mim — falei, irritada pelo seu comportamento.

— Não, mas o cara se droga — informou ele, com desdém.

Abri ligeiramente a boca e tentei processar o que ele tinha dito. Agora eu entendia o que ele tinha tirado do bolso e o que havia fumado na minha frente.

— Luke tem problemas psicológicos — voltou a falar Zev, passando a mão pelo cabelo. — Não é uma boa ideia ser amiga dele.

— Se é assim, ele só precisa de ajuda — murmurei.

— Claro — concordou —, mas não é você que vai ajudar.

— Meu Deus, Zev...

— Você não sabe nada sobre ele nem como ele se comporta quando usa aquelas merdas.

— E você sabe?

Eu me levantei do meu lugar.

Ele fechou os olhos por alguns segundos, tentando se controlar. Seus amigos presenciavam a cena em silêncio, Zev abriu os olhos novamente para falar comigo com uma cara de sério.

— Sei o suficiente para te dizer para ficar longe dele. Não vem fazer de conta que pode ajudar, você não é uma porra de um hospital.

Suas palavras embrulharam o meu estômago.

— Zev, você está sendo um pouco dramático, não acha?

— Parem, todo mundo está olhando para a gente. — Neisan foi o único capaz de tentar intervir, falando do outro extremo da mesa.

— Hasley, eu estou falando sério...

Antes que ele pudesse terminar de falar, eu o interrompi.

— Olha, eu não quero continuar com esta conversa — disse e me afastei.

— Hasley! — Eu o ouvi gritar, mas ignorei.

Saí da cantina em direção ao meu armário. Zev sabia mais do que quis me contar. Eu entendia que ele se preocupava comigo, afinal, era meu melhor amigo, e agradecia a intenção de me proteger, mas era capaz de cuidar de mim mesma.

Eu não era um hospital, e era óbvio que não queria ser. O que passava pela cabeça dele?

Cheguei ao meu armário e o abri para guardar alguns livros. Pelo canto do olho, pude ver a silhueta de alguém; por um segundo, cheguei a pensar que pudesse ser Zev. Estava errada, não era ele.

Matthew vinha andando pelo corredor com sua calça jeans azul e sua camiseta preta e branca. Seu olhar cruzou com o meu, e tive vontade de desmaiar. Ele piscou um dos seus olhos verdes, sorriu para mim e em seguida continuou caminhando.

Ah, meu Deus, ah, meu Deus!

O sangue subiu até as minhas bochechas, e mordi os lábios para evitar de dar um grito de alegria. Enfiar a cabeça dentro do meu armário e ri.

Ele era um gato, dos pés à cabeça. Ele era o meu *crush* havia muitos anos. O simples fato de vê-lo de longe já me provocava um friozinho na barriga, fazia com que as minhas bochechas corassem e que o meu rosto pegasse fogo diante dos meus pensamentos.